XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013.

Intelectuais brasileiros e espanhóis no exílio argentino: a história de um encontro (1930-1940).

Rangel y Lívia.

Cita:

Rangel y Lívia (2013). *Intelectuais brasileiros e espanhóis no exílio argentino: a história de um encontro (1930-1940). XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-010/506

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org*.

INTELECTUAIS BRASILEIROS E ESPANHÓIS NO EXÍLIO ARGENTINO: A HISTÓRIA DE UM ENCONTRO (1930-1940).

Lívia de Azevedo Silveira Rangel
Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo
liviaasrangel@gmail.com

Todos os exilados afinal têm direito a recordações e esperanças.
Mário de Andrade

A cidade de Buenos Aires, durante as décadas de 1930 e 1940, tornou-se destino de muitos intelectuais exilados dos regimes políticos autoritários de seus países. Brasil e Espanha experimentavam, nesse período, situações políticas bastante hostis: de um lado, a ditadura do Estado Novo (1937-1945), que instaurou, no Brasil, uma prática de opressão, tortura e perseguição aos opositores; de outro, a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) que, por quatro anos, matou e expulsou milhares de espanhóis, empurrando-os para países como México e Argentina. Embora pertencessem a contextos diferentes e vivenciassem práticas de violência distintas, a insustentável permanência em seus países fez com que alguns artistas e escritores brasileiros e espanhóis formassem um grupo com forte atuação no cenário cultural portenho.

Da reunião desses intelectuais surgiram muitos projetos, desde a exposição de pinturas, desenhos e esculturas, até a edição de livros, revistas e jornais. Nomes como os dos brasileiros Newton Freitas e Lídia Besouchet, somados aos dos espanhóis Lorenzo Varela, Arturo Cuadrado, Rafael Dieste e Luis Seoane estiveram presentes na dinâmica dessas criações. Com isto, o presente artigo pretende analisar como se formaram esses laços de afinidade e de solidariedade entre brasileiros e espanhóis, ou por quais vias foi possível essa aproximação, por meio de quais projetos, com base em quais propósitos, considerando obviamente a situação do exílio como peça-chave para compreender a necessidade de convivência entre sujeitos desterrados de suas pátrias.

Na mesma medida, abordaremos o modo como esses intelectuais se beneficiaram do crescente mercado editorial argentino, explorando principalmente aquelas empresas editoriais ou periodistas, que encabeçadas pelos espanhóis exilados,

contaram com a colaboração dos brasileiros Lídia e Newton, não deixando de considerar as estratégias e as manobras adotadas para evitar arranhar as relações de tolerância estabelecidas entre os exilados, em sua maioria de tendências esquerdistas, e o governo argentino, de forte expressão conservadora. A noção de exílio ilustrado perpassa toda a análise aqui proposta, pois sugere que foi por meio desse tipo de intercâmbio entre os intelectuais que suas atividades culturais, como artistas, escritores, jornalistas, puderam ser continuadas e mesmo intensificadas fora de suas pátrias.

Definindo exílio: uma questão de método

O exílio tem sido, em debates recentes, um tema bastante frequentado pelos pesquisadores, o que auxilia em muitos casos a aprimorar e a tornar esse instrumental metodológico mais claro e manuseável. A grande dificuldade, para quem pretende se dedicar ao estudo de tal fenômeno, talvez seja aquela de ordem conceitual, uma vez que designar certo deslocamento de "exílio" sugere encobri-lo de conotações políticas, mesmo quando o que se discute é o exílio metafórico ou literário, ou ainda o autoexílio. O que une, de modo muito recorrente, os personagens a que chamamos de "exilados" é a carga política que os levaram ao desterro. A ausência de escolha, pela impossibilidade de se continuar a viver no país de origem, independente da expulsão ter sido imposta ou auto-imposta, é o que os identifica e os agrupa enquanto tais.

Uma definição mais tradicional de exílio, além de reforçar a circunstância política que leva à expulsão – a partida, neste caso, nunca é voluntária –, aponta também para a interdição do retorno, ao menos enquanto persistirem as condições de exclusão do lugar de partida. Já uma tendência analítica atual preocupa-se em não trabalhar com tais fechamentos e generalizações e prefere dedicar um olhar singularizado sobre as experiências de exílio. Assumir um posicionamento alinhado com esta perspectiva é cuidar para que, comparativamente, o exílio perca sua classificação estática e homogênea para adquirir contornos mais maleáveis e heterogêneos, que cruze menos os aspectos em comum e se debruce mais sobre as nuances.

Para o grupo de intelectuais formado por brasileiros e espanhóis estudado neste artigo, analisados conjuntamente desde um terceiro país, que não é nem a Espanha nem o Brasil, mas a Argentina, a partir do qual foi possível o encontro, o termo exílio é

perfeitamente adequado, porque responde a uma série de problemáticas anteriores ao desembarque no novo país. Contudo, a categoria não é autoexplicativa e não deve ser usada como um recurso confortável que resolve todas as dissonâncias e incompatibilidades. O exílio espanhol republicano certamente não foi vivenciado na mesma intensidade e nem nas mesmas condições que o exílio da maioria dos intelectuais brasileiros no contexto do Estado Novo. Afora isso, na conjuntura latino-americana, o fenômeno do exílio na Argentina é igualmente pensado como um episódio singular, distinto do de países como, por exemplo, o México, que se destacou por sua política de amplo acolhimento aos espanhóis exilados da Guerra Civil.

Como se vê, não é simplesmente questão de reivindicar particularidade ou originalidade de caso para caso, e sim de sustentar uma noção mais complexa de exílio, consciente das distintas etapas que o compõem e das muitas desavenças semânticas que o atravessam. É esse aspecto escorregadio do termo exílio que nos obriga a perseguir uma definição mais específica, a ao menos optar por uma ideia mais próxima do nosso objeto de pesquisa, porque a categoria de exilado se avizinha e se confunde com muita facilidade com outras denominações, tais como refugiado, expatriado ou emigrante.

Tratamos aqui exclusivamente da experiência de intelectuais de esquerda que por conta do estreitamento da ação política, das perseguições e da iminência de prisão e morte em seus países foram expulsos ou impeliram a si próprios à condição do exílio. O fato de serem intelectuais pressupõe uma militância que atua tanto na área política, quanto na esfera da cultura. Por isso, para além da perspectiva negativa do exílio, que o lê como mutilação, perda, punição ou infortúnio, o enfoque recai com muito mais ênfase no que emerge de positivo dessa vivência, como as trocas culturais, os projetos, a oportunidade de criação, o exercício crítico, enfim, todo tipo de enriquecimento cultural (Said, 2003). Logo, a função que os exilados assumem como produtores, mediadores e tradutores de cultura no novo ambiente de convivência ganha plena relevância na análise, pois são essas as únicas funções que, por vezes, se apresentam como disponíveis aos intelectuais que habitam e dialogam com dois mundos.

Pressionados portanto politicamente, ameaçados e coagidos pelos regimes autoritários de seus países, brasileiros e espanhóis desembarcaram num período bastante aproximado em Buenos Aires, entre fins da década de 1930 e princípio dos anos 1940. O encontro não aconteceu imediatamente, foi preciso tempo e certa reunião de circunstâncias favoráveis para que se estabelecessem entre eles elos de amizade, relações de trabalho e afinidades culturais.

O fato é que, a partir de então, um novo agrupamento de intelectuais foi formado, dedicado exclusivamente a colocar em prática distintos projetos literários, editoriais e periodísticos voltados principalmente para a divulgação das diferentes culturas peninsulares e americanas, e que serviriam em grande medida como espaços genuínos da produção de artistas e escritores exilados.

Embora uma centena de nomes, especialmente de espanhóis e argentinos, possa ser integrada a este núcleo criativo e produtivo de intelectuais, interessa destacar apenas aqueles que mantiveram um contato mais prolongado e frequente com Lídia Besouchet e Newton Freitas. Na verdade, Lídia e Newton serão os únicos brasileiros residentes em Buenos Aires, no período em questão, a participar efetivamente desses projetos. No mais, a presença de outros representantes do Brasil foi, por muitas vezes, intermediada pela própria influência que o casal exerceu nesse meio, quando vários escritores importantes do cenário literário nacional, como José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Mário de Andrade, alcançaram espaço e divulgação na Argentina. [1]

O miolo a que nos referimos, selecionado dentro de um conjunto mais amplo de intelectuais, é composto por Luis Seoane, Arturo Cuadrado, Lorenzo Varela, Rafael Dieste, José Otero Espasandín, Rafael Alberti, Arturo Serrano-Plaja e Guillermo de Torre. Circulando pelas mesmas atividades e compartindo os mesmos projetos estiveram os argentinos Eduardo Mallea e Luis Miguel Baudizzone. Ainda que não tão envolvidos com a maioria dos projetos editoriais e periodísticos fundados pelos exilados espanhóis, vale a pena mencionar os nomes de outros argentinos que também tiveram relevância no círculo intelectual frequentado por Lídia e Newton, aqui incluímos Jorge Romero Brest, Oliverio Girondo, José Luis Romero, Francisco Romero, Jorge Luis Borges, Norah Lange, Luis Emilio Soto e o dominicano Pedro Henríquez Ureña.

Os portenhos, embora não compartilhassem a categoria de exilados, estiveram, desde o primeiro momento, como evidencia Emilia de Zuleta (1999), solidarizados com a situação delicada de desarraigamento e ruptura a que foram submetidos os que ali

[1] Sobre o papel de Lídia Besouchet e Newton Freitas como mediadores entre a produção cultural brasileira e a argentina há uma pequena lista de referências que pode ser consultada para fins de aproximação com o tema. No entanto, todos esses trabalhos discutem o assunto de modo secundário, não sendo objetos de suas pesquisas o tema propriamente dito. O esforço que venho realizando no meu projeto de doutorado segue exatamente nessa linha de análise, buscando aprofundar o estudo acerca das intermediações culturais e políticas desenvolvidas pelo casal de brasileiros no período em que viveram em Buenos Aires. Ainda em fase de desenvolvimento, as informações aqui contidas são um recorte do que, até o presente momento, foi possível compilar da pesquisa, intitulada *Intelectuais em trânsito: mediações culturais e políticas na trajetória de Lídia Besouchet e Newton Freitas no exílio rioplatense (1938-1949)*. Como leituras complementares, sugiro: SORÁ, 2003; ARTUNDO, 2004; PIAZZA, 2006; SÁNCHEZ-ÉLEZ, 2010.

chegavam, logo oferecendo, em seus jornais e revistas, abertura e abrigo para o escoamento e a difusão da produção literária e artística que junto com os intelectuais exilados desembarcava na capital argentina, ao mesmo tempo criando e colaborando para o surgimento de novos empreendimentos culturais.

A par dessas primeiras informações, resta acrescentar a preocupante constatação de que enquanto uma farta bibliografia sobre o exílio republicano facilita explorar um lado da história, ou seja, aquele que remonta a trajetória das atividades culturais espanholas na Argentina, inclusive com a oferta de vasto material biográfico e testemunhal, uma minguada e dispersa produção bibliográfica sobre os exilados brasileiros do Estado Novo dificulta o entendimento do outro lado da história.

Talvez essa lacuna possa ser explicada em duas direções: primeiro, ou porque o exílio vivido pelos brasileiros no Estado Novo não se caracterizou como um fenômeno de massa, tal como o espanhol, perdendo assim certa "relevância" no cenário dos eventos históricos da época; segundo, ou porque talvez as ondas mais recentes de deslocamentos, deportações e exílios, marcadamente após a instauração da ditadura civil-militar no Brasil, tenham causado comoções e interesses mais duradouros, fazendo com que o exílio de escritores e militantes políticos da primeira metade do século XX, em direção a países latino-americanos, tenha sido relegado a segundo plano.

Neste universo de ausências e necessidade de descobertas, o caso de Lídia Besouchet e Newton Freitas torna-se bastante elucidativo, ajudando a repensar o fato de que um número nada desprezível de intelectuais, escritores e ativistas políticos brasileiros, envolvidos em sua maioria com atividades partidárias da esquerda, também transitaram em situação de exílio pelas fronteiras uruguaias, argentinas e chilenas durante final dos anos 1930 e no decorrer da década de 1940. [2]

[2] Um levantamento pioneiro e extremamente importante em relação aos exilados brasileiros na América Latina, durante a ditadura do Estado Novo, foi realizado pela historiadora Ângela Meirelles de Oliveira, em sua tese intitulada *Palavras como balas. Imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939)*, recém-defendida pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Embora a pesquisadora faça um recorte bastante específico, listando principalmente nomes de brasileiros exilados no Uruguai, baseada em documentos do Fundo da Polícia Política do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, é possível identificar em seu trabalho um novo esforço de caracterizar e localizar política e culturalmente esse grupo de exilados na região do Prata na década de 1930. Exercício esse bastante complexo pela própria impossibilidade de recuperar na íntegra, pela dispersão dos registros, a lista de refugiados do período Vargas. Mas o que importa de fato, sendo uma das grandes contribuições da autora, é a chance de cruzar dados e informações recolhidas por outras pesquisas, em outros fundos e acervos documentais, na tentativa de montar o quebra-cabeça do exílio político brasileiro dos anos 1930, que empurrou dezenas, talvez centenas de intelectuais "comunistas", mas principalmente antifascistas, para o exílio em terras rioplatenses.

Um casal de brasileiros na Buenos Aires cosmopolita

Com pouca bagagem, pouco dinheiro, nenhum trabalho e praticamente nenhum conhecido a quem se dirigir, Newton Freitas desembarcou, em fevereiro de 1938, numa travessia arriscada desde o Uruguai, com passaporte falso e uma leve confiança na sorte, em seu novo destino, a cidade de Buenos Aires. Lídia Besouchet permaneceria ainda alguns meses em Montevideo, acolhida pela família de Buenaventura Caviglia, que disponibilizou um rico material de pesquisa à brasileira, cuja análise resultaria na publicação de seu primeiro trabalho histórico, intitulado *Mauá y su época*, lançado, em 1940, pela Ediciones América Económica.

Jornalistas de profissão, militantes por muitos anos do Partido Comunista e opositores do regime antidemocrata de Vargas, Lídia Besouchet e Newton Freitas viveram intensamente os primeiros anos de perseguição, controle e repressão política no Brasil da década de 1930. Como membros da Aliança Nacional Libertadora, organização política de cunho nacionalista fundada em 1935, Lídia e Newton estiveram a par dos preparativos para o levante armado que aconteceria, no mesmo ano, em três cidades brasileiras, Natal, Rio de Janeiro e Recife, e que serviria de forte argumento para a injeção de novos métodos repressivos por parte do governo, com represálias que iam desde a reclusão e o exílio, até a mortes inexplicáveis dos acusados de subversão.

Preso algumas semanas depois do fracassado episódio, Newton Freitas amargou um ano e sete meses na prisão. Segundo os dois relatos que escreveu para publicação em série em periódicos no Brasil e no Uruguai, *Colônia* e *La Bodega,* sua captura deu-se poucos meses depois de sufocada a "Intentona Comunista" de novembro de 1935. Como prisioneiro desde os primeiros dias de 1936, na Casa de Detenção, Newton narrou experiências de tortura, de insalubridade, de constrangimento moral e físico, de descaso e autoritarismo, de violência e mortes não anunciadas. Embora suas narrativas detenham-se apenas nas primeiras semanas, tanto a bordo do navio que transportava detentos, quanto na Colônia Correcional de Dois Rios, em Ilha Grande, é possível dimensionar o quão determinante foi a experiência de preso político para a vida de Newton Freitas e, certamente, para a de Lídia como sua companheira.

Em maio de 1937, já em liberdade, Newton dedicou-se, juntamente com Lídia Besouchet, a colocar em prática os planos de viagem rumo ao exílio. Do Rio de Janeiro partiram para a região fronteiriça do Rio Grande Sul, de onde atravessaram, em data

ainda desconhecida, em direção ao Uruguai. Sabemos que o casal contou com a ajuda e o incentivo de amigos e familiares para a empreitada, mas cruzados os limites entre países foi preciso elaborar toda uma estratégia de sobrevivência que exigiu prudência financeira e ousadia intelectual.

O fato é que, na ocasião em que Lídia chegou a Buenos Aires, mais ou menos em agosto de 1938, praticamente nada havia se alterado quanto à situação econômica do casal. Os recursos de que dispunham eram quase que integralmente advindos de trabalhos eventuais como jornalistas. Nesse caso, todos os esforços se concentravam na tentativa de colaborar na imprensa argentina, abarrotada de artigos assinados, em grande medida, por outros escritores e jornalistas exilados. Incluídos no bolo, Newton e Lídia encontraram, no início, certa dificuldade para se destacar, mas a chance se deu assim que travaram contato com alguns intelectuais argentinos, como é possível deduzir do trecho a seguir escrito por Newton Freitas em seu breve relato autobiográfico:

> Numa das minhas visitas a redações de revistas e jornais oferecendo colaboração de qualquer gênero, tive a sorte de encontrar, num jornal recém fundado, com os irmãos Bernarbó. Carybé é o irmão mais moço da família Bernarbó. O mais velho chamava-se Arnaldo; o segundo, Roberto – o "Rengo", pois puxava de uma perna. Todos eles, artistas plásticos de valor. E outra etapa de minha vida começou (Arquivo IEB/USP – Fundo Newton Freitas, NF (3) 1-18).

As circunstâncias foram lentamente se alterando e, em 1939, Lídia e Newton conseguiram seu primeiro contrato com uma editora portenha, a M. Gleizer, para a publicação do livro de ensaios *Diez escritores del Brasil*. Neste mesmo ano, as relações de amizade com intelectuais espanhóis exilados da Guerra Civil começaram a se estreitar e o casal experimentou a fase de maior prosperidade e efervescência artística e cultural daquela época, considerada por Newton Freitas "inquieta e irrepetível".

Exílio espanhol argentino

Cada um dos representantes do grupo formado, em Buenos Aires, pelo núcleo de espanhóis exilados, do qual os brasileiros Lídia e Newton participaram, desembarcaram na Argentina em datas diferentes e por meios distintos, alguns em viagens solitárias, outros em comboios coletivos; alguns logo no início do conflito, em 1936, outros

somente após o seu desfecho, em 1939. Esse gotejar de exilados espanhóis na Argentina, em sucessivas levas até aproximadamente 1950, teve suas causas fixadas no forte tom repulsivo assumido pelo governo daquele país frente ao "perigo" de uma iminente infiltração de refugiados da causa republicana em direção as suas fronteiras (SCHWARZSTEIN, 2001).

Esse posicionamento hostil, muito diferente do que poderíamos supor quando recuperamos a imagem tracejada por vários intelectuais exilados naquelas terras, de uma Argentina "generosa", "acolhedora", "solidária" ou "suave e benigna", como definiu o escritor espanhol Francisco Ayala, foi sem sombra de dúvida a responsável pela forma individual, quase nunca em grandes contingentes, com que se produziu a chegada de exilados republicanos na Argentina. O próprio Newton Freitas, na esteira das impressões compartilhadas com muitos outros companheiros de exílio, exagerou ao interpretar, de um ponto de vista muito pessoal é claro, a Buenos Aires daquela época como uma "espécie de oásis" que "aceitava tudo, acolhia a todos, assimilava tudo", quando a realidade era bem mais ríspida e contraditória.

Mas, de qualquer modo, embora a política argentina tenha recrudescido com relação à imigração e à acolhida de exilados, no plano da sociedade civil e no círculo da intelectualidade local o movimento foi inverso, de crescente apoio e simpatia pela causa republicana e de ampla solidariedade com a situação dos exilados do regime franquista.

No caso dos intelectuais espanhóis aqui estudados, o histórico de relações anteriormente estabelecidas com os argentinos, desde um regular intercâmbio com instituições e associações de cultura até uma vasta e ininterrupta colaboração em jornais e revistas, abriu oportunos antecedentes para que, no auge do conflito civil, muitos desses escritores e profissionais conseguissem driblar as normas cada vez mais rígidas de contenção à entrada de exilados republicanos na Argentina (DE ZULETA, 1999). Essas prévias vinculações intelectuais, que revelavam também afinidades políticas e ideológicas e fortes laços de amizade, facilitaram igualmente o processo de inserção e adaptação desses espanhóis na nova realidade. A acolhida em jornais como *La Prensa* e *La Nación*, ou em revistas como *Crítica, Nosotros* e *Sur,* que já era abundante desde antes da guerra, pelo interesse que essas edições tinham com relação a tudo que dissesse respeito à Espanha, aconteceu quase que imediatamente com a etapa de transmigração de muitos nomes conhecidos do público argentino para a cidade de Buenos Aires.

Rapidamente, os exilados retomaram o fôlego e fundaram suas próprias casas editoras e suas próprias revistas de cultura, sem deixar de atuar em paralelo nos

tradicionais veículos de comunicação argentinos. Dentre as principais indústrias do livro criadas nesse momento daremos destaque àquelas fundadas, dirigidas ou frequentadas por espanhóis da região da Galícia, uma vez que englobam a participação da maioria dos personagens aqui enfocados, tais como Luis Seoane, Lorenzo Varela, Arturo Cuadrado, Rafael Dieste e outros. Surgidas nesse contexto de efervescência intelectual, as Editoras Losada, Sudamericana, Emecé e Nova alcançaram um êxito extraordinário no mercado argentino, lançando vários títulos literários importantes, diversos trabalhos de tradução e coleções inteiras de ensaios críticos com temas americanistas e hispânicos, combinando nessa fórmula preços justos e uma excelente qualidade de conteúdo. Com isso, formaram o conjunto do que se poderia chamar de "o suprassumo" da produção editorial em língua espanhola na América Latina, com especial sucesso no final dos anos 1930 e durante a década de 1940.

Como desdobramento de vários desses empreendimentos, surgiram as revistas *De Mar a Mar*, *Correo Literario* e *Cabalgata,* que assumiram o lugar de representantes da comunidade de intelectuais exilados na Argentina, incluindo não só os de origem espanhola, como também os de outras nacionalidades. Esse seria, conforme identifica Emilia de Zuleta (1999), o segundo momento de consolidação da presença espanhola no mercado cultural argentino, processado a partir de 1942, quando entra em circulação a revista *De Mar e Mar*, encabeçada por Lorenzo Varela e Arturo Serrano-Plaja, além de outros espanhóis exilados que ali, como nas outras publicações, colaboraram como autores, tradutores, assessores, comentaristas, pintores e críticos.

As publicações seguintes teriam basicamente o mesmo formato e o mesmo núcleo de colaboradores. A diferença mais aguda ficaria a cargo de *Correo Literario* que, diferentemente de suas semelhantes, apresentaria uma forte linha ideológica e militante, com uma clara orientação antifascista e um firme comprometimento com iniciativas culturais de longo alcance, como a que buscava concretizar uma ideia de unidade cultural ibero-americana. A expectativa era a de criar um centro difusor das distintas culturas do continente, aproximando no espaço da revista a produção de argentinos, uruguaios, brasileiros, chilenos, peruanos, mexicanos, cubanos com a produção dominante espanhola. Nesta revista, Newton Freitas manteve uma coluna permanente, intitulada "Colaboración en português", onde desenvolveu diversas notas sobre artistas e escritores brasileiros, comentários sobre exposições de arte e breves ensaios sobre questões histórico-culturais de seu país. Esse exemplo frisa bem a

intenção de seus diretores em sustentar intercâmbios com uma parte destacada do campo cultural latino-americano.

O que fica muito claro daí em diante é o impacto definitivo causado pelo elemento espanhol na dinâmica da produção artística, literária e editorial argentina, a ponto de muitos pesquisadores concordarem com a premissa de que o estalar da Guerra Civil Espanhola proporcionou "a grande chance" à Argentina de assumir a liderança no mercado de produção e venda de livros em língua espanhola, ocupando essa posição por quase duas décadas. De modo que é praticamente consenso entre os estudiosos que a chegada dos espanhóis exilados foi decisiva para o verdadeiro salto quantitativo e qualitativo da indústria livreira de Buenos Aires, partindo dali para cobrir grande parte do território sul-americano (CARBALLO; VILLEGAS, 2006).

O encontro

A aproximação de Lídia Besouchet e Newton Freitas com o grupo de espanhóis exilados na Argentina, em especial os galegos, ocorreu, conforme afirma o próprio Newton, de maneira muito espontânea. Segundo rememora, no conjunto da vasta comunidade de exilados que caíam "como moscas na fantástica cidade de Buenos Aires", os brasileiros representavam uma parcela minoritária, a maioria ou estava na cadeia ou havia aderido ao Estado Novo. As afinidades culturais e as empatias políticas, em aliança com os laços de solidariedade, providenciaram que eles, "vítimas mais ou menos sofridas daqueles fenômenos reacionários", fossem pouco a pouco conhecendo uns aos outros (Arquivo do IEB/USP – Fundo Newton Freitas, NF (4) 2-15).

Várias casas editoras e órgãos periódicos, como já dito, surgiram das mãos dos exilados espanhóis na Argentina, justamente na chamada "época de ouro" (1938-1955) da indústria editorial no país (AGUADO, 2006). Apesar de nem todos esses empreendimentos terem contado com a supervisão dos intelectuais galegos mencionados acima, muitos deles se alternaram na colaboração, assinando artigos, ilustrando páginas de livros e revistas, traduzindo material para publicação. Na mesma medida, Lídia Besouchet e Newton Freitas descobriram em muitas dessas iniciativas um canal aberto para o escoamento de sua produção. Nas revistas *De mar a mar* (1942-143), *Correo Literário* (1943-1945) e *Cabalgata* (1946-1948) – dirigidas pelo poeta

Lorenzo Varela em cooperação, respectivamente, com Arturo Serrano-Plaja, Arturo Cuadrado e Luis Seoane – ocuparam a função de principais interlocutores brasileiros no projeto de divulgação das culturas hispânica e latino-americana.

Além disso, dos sete livros de Lídia Besouchet publicados na Argentina, três saíram por editoras fundadas pelos espanhóis. Já Newton Freitas vinculou a essas firmas um número significativamente maior de trabalhos. Dos nove livros seus lançados em Buenos Aires, sete foram editados e comercializados por selos cuja criação esteve associada aos exilados galegos e catalães. Em ordem de fundação, podemos citar ao menos quatro dessas editoras, apresentando um breve histórico de cada uma delas enquanto identificamos quais títulos, de autoria de Lídia e Newton, figuraram nos catálogos das respectivas empresas.

A editora Sudamericana foi, depois da casa editorial Losada, o empreendimento de maior sucesso no mercado cultural argentino voltado para a produção e distribuição de livros de exilados espanhóis em Buenos Aires. Nascida em fins de 1938, a partir dos investimentos de Antonio López Llausás, um importante livreiro catalão, com o patrocínio de Victoria Ocampo e do poeta vanguardista Oliverio Girondo, a Sudamericana ganhou enorme prestígio com edições de importantes obras da literatura universal. Nesta editora, apenas Lídia chegou a publicar um trabalho solo, o seu primeiro romance *Condición de Mujer*, de 1945. Na sequência, a editora negociou um contrato para lançar uma edição revista do livro de Lídia em coautoria com Newton, o já conhecido *Diez escritores del Brasil*, que ganhou novo título, *Literatura del Brasil*, chegando às prateleiras das livrarias em 1946.

A Emecé Editores, surgida poucos meses depois da Sudamericana, em 1939, foi a responsável pela publicação do segundo romance de Lídia Besouchet, *El mestizo*, lançado no mesmo ano que *Literatura del Brasil*. Essa editora também cuidou da publicação de dois livros de autoria de Newton Freitas, *Alôs Afro-Brasileños,* de 1942, e *Los Braganzas,* de 1943, esse último com anotações do artista plástico Carybé. O idealizador desse empreendimento foi o livreiro catalão Mariano Medina del Río, recém-chegado da Espanha. Seu propósito original era o de atuar no mercado de livros para imigrantes da Galícia. Contudo, no meio do caminho, após aceitar investimentos de capitalistas argentinos, a empresa mudou seu rumo, passando a privilegiar livros com orientação anglófila e católica. Tal como afirma Gabriela Pellegrino,

> Ao contrário de Losada, o fato de Emecé e Sudamericana terem sido fundadas no calor dos confrontos políticos na Espanha não se refletiu em seus catálogos. De todo modo, ambas desempenharam um papel central para que a produção editorial argentina ultrapassasse as fronteiras nacionais à conquista dos mercados hispano-americano e espanhol, seguida, a considerável distância, pelas editoras mexicanas. (SOARES, 2007: 395).

Isso demonstra que, independentemente de um possível jogo político de interesses, que poderia inibir ou mesmo interceptar a participação de Lídia Besouchet e Newton Freitas no mercado argentino de bens culturais – uma vez que ambos já haviam pertencido e, por vezes, tiveram seus nomes atrelados ao Partido Comunista –, tanto um quanto outro se beneficiaram do crescimento da indústria editorial no país. Na verdade, a reunião de escritores com ideias divergentes num mesmo projeto não era tão incomum, pois como assegura Carballo e Villegas, a prioridade era manter as individualidades intactas, inclusive a individualidade da Argentina e do resto da América na forma com que os assuntos eram abordados, sem adentrar explicitamente no caráter ideológico que fortuitamente poderia constar por detrás de algumas publicações (CARBALLO; VILLEGAS, 2006: 97).

Afinal de contas, havia um elemento muito sério a ser administrado pelos exilados no período em questão: o cuidado em não arranhar as relações de tolerância estabelecidas entre um governo conservador e os intelectuais estrangeiros, maioria de tendências esquerdistas e revolucionárias. O equilíbrio era mantido à custa de muitas manobras e estratégias, pois, longe da Argentina ser o paraíso descrito por Newton Freitas, quando brinca com a ideia de que Buenos Aires era uma "espécie de oásis" que "aceitava tudo, acolhia a todos, assimilava tudo", a realidade era bem mais ríspida e contraditória. E as tensões só aumentaram com o golpe de 1943, que marcou a ascensão de um grupo de oficiais ligados ao Exército centrados numa proposta política nacionalista e reacionária. Esse será o berço de formação do líder populista Juan Domingo Perón, que concorrerá à Presidência e sairá vencedor por vias estritamente legais em 1946 (BEIRED, 1996).

Antes, no entanto, da subida de Perón ao poder, quando ainda se desfrutava de certa liberdade de expressão na Argentina, outras casas editoras de propriedade de espanhóis exilados entraram em funcionamento. Duas delas merecem destaque devido à inclusão em seus catálogos de mais quatro trabalhos escritos por Newton Freitas. A primeira delas foi a Editorial Nova, fundada por Seoane e Cuadrado, dois intelectuais galegos que já haviam atuado como diretores de algumas coleções da Emecé. Repetindo

a experiência, a empresa lançou, em 1943, sua primeira coleção, chamada "Mar Dulce", dentro da qual Newton publicou duas obras: *Amazonia: Leyendas Nangatú* (1943) e *Garibaldi en América* (1946). Os temas da cultura e do folclore nacional também estiveram sublinhados nos livros lançados pela Editorial Botella al Mar, empreendimento que substituiu, em 1947, as atividades da editora Nova. Na esteira dos projetos já finalizados, a Botella al Mar adotou, para efeito de popularização da leitura, a edição de livros em séries. Pela coleção "La sirena escondida" foi lançado dois interessantes trabalhos de Newton, *Flávio de Carvalho* (1948) e *Jaburuna: cuentos e relatos* (1949), com prefácio de Lorenzo Varela e ilustração de Luis Seoane (SÁNCHEZ-ÉLEZ, 2010: 111).

Embora nenhuma obra de Lídia Besouchet tenha sido publicada por essas últimas editoras o intercâmbio com os intelectuais espanhóis continuou impregnando sua atividade sociocultural durante o exílio. Se, por um lado, os galegos garantiram espaço amplo de divulgação dos trabalhos assinados por brasileiros nas revistas e jornais que fundavam na Argentina, por outro, ganharam visibilidade em jornais do Brasil por meio da publicação de resenhas e comentários, muitos dos quais enviados por Lídia e Newton Freitas diretamente de Buenos Aires. *O Estado de São Paulo*, por exemplo, publicou em 1944 duas críticas literárias tratando dos mais recentes livros de Lorenzo Varela, *Catro poemas gallegos* e *Lonxe* (SÁNCHEZ-ÉLEZ, 2010: 110).

REFERÊNCIAS

AGUADO, Amelia. "Políticas editoriales e impacto cultural en la Argentina (1880-2000)". In. *Información, Cultura e Sociedad*, n. 15, p. 95-105, 2006.

ALTAMIRANO, Carlos. *Peronismo y cultura de izquierda.* Buenos Aires: Temas Grupo Editorial, 2001.

ARES, Berta; GRUZINSKI, Serge (org.). "Entre dos mundos". In. *Fronteras culturales y agentes mediadores.* Sevilla: CSIC, 1997.

ARTUNDO, Patrícia. *Mário de Andrade e a Argentina:* um país e sua produção cultural como espaço de reflexão. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004.

BEIRED, José Luís B. *Breve história da Argentina.* São Paulo: Editora Ática, 1996.

BERMEJO, Talía. “El salón Peuser: entre la apuesta comercial y el afianzamiento de un mercado para el arte en Buenos Aires”. In. *Arte y sociedad. Revista Investigación,* n. 0, octubre 2011.

BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*: de 1870 a 1930. Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp / Imprensa Oficial do Estado; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2001.

BUONOCORE, Domingo. *Libreros, editores e impresores de Buenos Aires*: esbozo para una historia del libro argentino. Buenos Aires: Bowker, 1974.

CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena:* propaganda política no varguismo e no peronismo. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CARBALLO, Antonio Lago; VILLEGAS, Nicanor Gómez. *Un viaje de ida y vuelta:* la edición española e iberoamericana (1936-1975). Espanha, Madri: Ediciones Siruela, 2006.

DE ZULETA, Emilia. *Españoles en la Argentina:* el exilio literario de 1936. Buenos Aires: Atril, 1999.

DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. *Política, nação e edição. O lugar dos impressos na construção da vida política:* Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX. São Paulo: Annablume, 2006.

ESPOSITO, Fabio. “Los editores españoles en la Argentina: redes comerciales, políticas y culturales entre España y la Argentina (1892-1938)”. *In.* ALTAMIRANO, Carlos (dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*: los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

LUNA, Félix. *El 45*: crónica de un año decisivo. Buenos Aires: Sudamericana, 1971.

MAIA, Pedro Moacir. *Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl Navarro.* Bahia: EDUFBA, 2008.

MUNHOZ, Solange. “Aproximações ao tema do exílio e à experiência de escritores argentinos e brasileiros”. *In. Revista de Letras*. São Paulo, 45 (2), p.59-80, 2005.

NEIBURG, Federico. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*: estudos de antropologia social e cultural. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Editora da USP, 1997.

NITSCHACK, Horst. “El sujeto del exílio”. *In.* SANHUEZA, Carlos; PINEDO, Javier. *La Patria Interrumpida*: Latinoamericanos en el exílio. Siglos XVIII-XX. Santiago: LOM Ediciones, 2010.

OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. Palavras como balas. Imprensa e Intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939). 2013, 331f. Tese (Doutorado em História) - FFLCH/USP, São Paulo, 2013.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. "Políticas de amizade: Portinari e o mundo cultural ibero-americano". In. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 222-246, jan.-jun. 2006.

RODRIGUES, Helenice; KOHLER, Heliane (orgs.). *Travessias e cruzamentos culturais:* a mobilidade em questão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio*: entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.* Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SÁNCHEZ-ÉLEZ, María Victoria Navas. "Relaciones entre escritores gallegos y brasileños en el exilio español: el testimonio de Lorenzo Varela y Newton Freitas". In. *Revista de Lenguas y Literaturas Catalana, Gallega e Vasca,* v. 15, 2010.

SCHWARZSTEIN, Dora. *Entre Franco y Perón:* memoria y identidad del exílio republicano español en Argentina. Barcelona: Ed. Crítica, 2001.

SILVA, Paulo Renato da. *Victoria Ocampo e intelectuais de "Sur":* cultura e política na Argentina (1931-1955). 2004. 166 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

SIRINELLI, Jean-François. "Os intelectuais". In. REMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 231-262.

SOARES, Gabriela Pellegrino."Novos meridianos da produção editorial em castelhano: o papel de espanhóis exilados pela Guerra Civil na Argentina e no México". In. *Varia Historia*. Belo Horizonte, vol. 23, n. 38, p. 386-398, jul./dez. 2007.

SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil:* una antología de la circulación internacional de ideas. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.

YANKELEVICH, Pablo (org.). *México, País Refugio. La experiencia de los exilios en el siglo XX.* México: Inah/Plaza y Valdés, 2002.